



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

DEFICIÊNCIA VISUAL E A PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICAS NO AMBIENTE ESCOLAR E NÃO ESCOLAR¹

Luciana Erina Palma,

Greice Rosso Lehnhard;

Rafaella Righes Machado

Sofia Wolker Manta

Resumo

Este estudo teve o objetivo identificar, tanto no ambiente escolar como o não escolar, as práticas de atividades físicas dos alunos com deficiência visual. Participaram deste estudo 06 (seis) alunos com deficiência visual, com idades entre 10 e 13 anos. Para a coleta de dados se fez uso de dois instrumentos, uma Ficha de Identificação dos alunos com Deficiência Visual, e outro uma entrevista semi-estruturada com os alunos. Os dados apontaram que apenas os alunos dos anos finais faziam Educação Física, mas não se sentiam a vontade pelas dificuldades da visão. Já, os alunos dos anos iniciais tiveram por pouco tempo aulas desta disciplina e relataram maior prática de atividades físicas em casa com os irmãos, pois um disse sentir-se mais seguro do que na escola. Um aluno somente declarou conhecer modalidades esportivas específicas para pessoas com deficiência visual, os demais desconheciam. Sendo assim, é estritamente importante, a informação aos alunos com deficiência visual sobre suas potencialidades e possibilidades de vivenciar inúmeras práticas de atividade físicas, pois são determinantes positivos para a aquisição de uma vida adulta ativa, com qualidade e autonomia.

Palavras-Chaves: Atividade Física. Deficiência Visual. Escola.

Abstract

This study aimed to investigate the physical activity of students with visual impairment enrolled in Municipal Schools of a city in the Interior of Rio Grande do Sul (RS). The study included 06 (six) students with visual impairment, ages between 10 and 13 years. For data collection was done using two instruments, an Identification Form for students with Visual Impairment, and the other a semi-structured interviews with students. The data show that only the students of final grades were physical education, but didn't feel well by the difficulties of vision. Already, students in lower grades had lessons for a short time this discipline. However, students in lower grades reported more physical activity at home with his brothers, as one said he felt safer than at school. One

¹ Este estudo é parte de um projeto financiado pelo Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIPE).



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

student said only meet specific sports for people with visual impairment, the other ignored. Thus, it is strictly important information to visually impaired students about their potential and opportunities to experience numerous physical activity practices, they are positive determinants for the acquisition of an active adult life, with quality and autonomy.

Key Words: *Physical Activity. Visual Impairment. School.*

Resumén

Este estudio tuvo como objetivo investigar la actividad física de los estudiantes con discapacidad visual matriculados en las escuelas municipales de una ciudad en el interior de Rio Grande do Sul (RS). El estudio incluyó a 06 (seis) a los estudiantes con impedimentos visuales, de edades comprendidas entre 10 y 13 años. Para la recolección de datos se realizó mediante dos instrumentos, un formulario de identificación para los alumnos con discapacidad visual, y el otro de entrevistas semi-estructuradas con los estudiantes. Los datos muestran que sólo los estudiantes de las calificaciones finales fueron la educación física, pero sentía el deseo por las dificultades de visión. Ya, los estudiantes de los grados inferiores tenían clases por un corto tiempo esta disciplina. Sin embargo, los estudiantes de los grados inferiores reportado más actividad física en casa con sus hermanos, como uno dijo que se sentía más seguro que en la escuela. Un estudiante dijo que sólo cumplir con deportes específicos para personas con impedimentos visuales, y el otro por alto. Por lo tanto, es importante la información estrictamente a los estudiantes con discapacidad visual acerca de su potencial y las oportunidades de experimentar numerosas prácticas de actividad física, son determinantes positivos para la adquisición de una vida adulta activa, con la calidad y autonomía.

Palabras clave: *actividad física. Discapacidad Visual. Escuela.*

Introdução

A prática de atividades físicas é benéfica a aspectos biológicos, afetivos e sociais. Isso não se faz diferente as pessoas com deficiência, que através das práticas desenvolvem maior autonomia e socialização com outros grupos.

De acordo com a Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte, entende-se atividade física “qualquer movimento como resultado de contração muscular esquelética que aumente o gasto energético acima do repouso e não necessariamente a prática desportiva” (SBME, 1998, p. 107).

Pessoas com deficiência visual possuem necessidades básicas e condições para desempenhar diversas atividades, assim como pessoas sem deficiências. Acerca da deficiência visual, autores abordam diversos conceitos, dentre eles, Craft; Lieberman (2004, p.183) que definem: “deficiência visual, incluindo a cegueira designa um comprometimento de visão que, mesmo quando corrigido



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

prejudica o desempenho educacional da criança. O termo engloba tanto a baixa visão como a cegueira”. Ainda, Munster; Almeida (2005, p.29), deficiência visual como a “perda parcial ou total da capacidade visual, em ambos os olhos, levando o indivíduo a uma limitação em seu desempenho habitual”.

Dentre as diferentes classificações, visual, legal, clínica e esportiva, que caracterizam as pessoas com deficiência, existe a educacional, vinculada à alfabetização e às necessidades educacionais especiais, que compreende duas classes: baixa visão ou visão subnormal, quando a pessoa apresenta resíduo visual e mesmo com lentes corretivas possui dificuldades em desempenhar tarefas visuais, sendo necessário estratégias e modificações ambientais; e, cegueira, quando a pessoa apresenta perda total ou resíduo mínimo da visão, necessitando do código Braille em seu processo ensino aprendizagem (MUNSTER; ALMEIDA 2005; DIEHL, 2006).

Diehl (2006) aborda dois tipos de deficiência visual, a congênita, caso a perda de visão ocorra da fase perinatal, e a adquirida, caso a perda de visão ocorra após esta fase. Craft; Lieberman (2004) e Diehl (2006) apontam algumas causas, dentre elas: degeneração macular; albinismo; retinose pigmentar; Síndrome de Uscher; glaucoma, retinoblastoma, retinopatia da prematuridade, cataratas, diabetes, infecções ocorridas durante a gravidez como toxoplasmose e rubéola, etc.

O desenvolvimento motor do deficiente visual, geralmente apresenta comportamentos estereotipados, como equilíbrio falho, locomoção dependente, expressão corporal e facial raras, coordenação motora e mobilidade prejudicada, desvios posturais, isolamento social, autoconfiança prejudicada, baixos níveis de condicionamento físico, dentre outros (BITTENCOURT; HOEHNE, 2006; NEVES *et al.* 2009). A visão, além de promotora da participação do indivíduo em atividades que compreendem diferentes estímulos, contribui para um desenvolvimento ágil e independente (DIEHL, 2006).

Castro *et al.* (2004) afirma que independente da deficiência visual ser congênita ou adquirida, durante a mobilidade as possibilidades de controle visual sobre o espaço são encerradas, gerando assim impacto na navegação de rotas irregulares e em ambientes complexos. Contudo, vale salientar que as defasagens motoras acentuadas e a baixa resistência cardiovascular não são diretamente oriundas da deficiência, mas sim da falta de experiências práticas e/ou relacionamento familiar e social inadequado (MOREIRA *et al.*, 2010).

A estimulação adequada e precoce pode amenizar o atraso existente, pois “quando os estímulos são suficientes, os movimentos são mais naturais e as suas condutas de base afloram no tempo certo” (NEVES *et al.* 2009). Uma das formas de fazer com que isso se efetive seria através da prática de atividades físicas, uma vez que são umas das melhores maneiras de se ocupar o tempo livre e manter o equilíbrio entre os aspectos físicos e mentais (SOUZA;CAMPOS, 2008).

Desta forma, percebe-se que a disciplina de Educação Física tem papel fundamental neste processo. Tendo em seu componente atividades que estimulam os domínios do comportamento humano, pode levar os alunos com deficiência visual ao melhor ajustamento do comportamento psicomotor, à compreensão do corpo e de relações estabelecidas entre o meio e as pessoas (ALVES; DUARTE, 2005).



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

A prática de atividades físicas proporciona: melhoras na autonomia, na autoconfiança, na orientação espacial, maior disposição física e mobilidade física, independência, sensação de bem estar, tranquilidade, propicia a integração social, maior motivação e expectativa de vida (CAMPOS *et al.* 2005; SOUZA; CAMPOS, 2008; MOREIRA *et al.* 2007; GORGATTI; ROSE JÚNIOR, 2009).

As práticas de atividades físicas programadas oportunizam melhoras aos aspectos motores e sociais, porém muitas vezes barreiras físicas, ambientais e sociais dificultam a sua atribuição aos hábitos de vida de deficientes visuais (LABRONICI *et al.*, 2000; GORGATTI; ROSE JÚNIOR, 2009). Faz-se indispensável o apoio e conscientização de familiares e sociedade em geral, desta forma dá-se maiores condições para que deficientes visuais desenvolvam suas potencialidades e tenham uma maior autonomia (MOURA; PEDRO, 2006).

Desta forma, este estudo teve como principal justificativa a ausência de estudos referentes à prática de atividades físicas por alunos com deficiência visual, tanto em ambiente escolar como não escolar. A partir disto, o objetivo deste estudo foi identificar, tanto no ambiente escolar como o não escolar, as práticas de atividades físicas dos alunos com deficiência visual.

Metodologia

Trata-se de um estudo quantitativo, pois utiliza vários casos e um número reduzido de variáveis (SILVA, 1996). Assim como, também apresenta característica qualitativa do tipo descritiva, por ter como objetivo principal a descrição das características de determinada população (GIL, 2006).

O grupo de estudos foi constituído por dezessete (17) Escolas Públicas Regulares da Rede Municipal e duas (02) da Rede Estadual de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul que tinham trinta e sete (37) e sete (07) alunos com deficiência visual matriculados, respectivamente. Estes dados foram indicados pela Secretaria Municipal de Educação e Coordenadoria Regional de Educação.

Estas Escolas foram visitadas e aos responsáveis entregue a Carta de Apresentação dos Pesquisadores e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) contendo neste, o objetivo e procedimentos da pesquisa, a permissão e assinatura para o desenvolvimento da mesma e a permissão para o contato com os alunos com deficiência visual.

Após autorização pelos responsáveis das Escolas foram coletadas as informações para a Ficha de Identificação dos Alunos com Deficiência Visual, baseado em Lehnhard e colaboradores (2009). Este instrumento foi respondido pelas Educadoras Especiais de cada local, com hora e dia previamente combinado. O objetivo deste instrumento foi identificar o número total de alunos com deficiência visual matriculados, bem como verificar as faixas etárias, série/ano, tipo e causa da deficiência e outras deficiências associadas.

De posse destes dados, foi encaminhado por intermédio das Educadoras Especiais, o TCLE aos responsáveis pelos alunos identificados para autorizar a participação dos alunos no estudo, no qual deveriam responder a uma entrevista, sendo a mesma gravada pelos pesquisadores. Os critérios

para participar da entrevista eram ser maior de 10 anos, não ter nenhuma outra deficiência associada e estar participando de turmas regulares.

Após a autorização dos pais e responsáveis foram agendados dias e horários nas Escolas para a entrevista com os alunos, que foram realizadas individualmente. A entrevista era semi-estruturada com roteiro pré-estabelecido baseado em Souza; Campos (2008), que teve o objetivo verificar as características da deficiência, a prática de atividades físicas na escola e em outros locais, tipos de práticas de atividades físicas que os alunos percebem que podem ou não praticar e conhecimentos a cerca de modalidades específicas para deficientes visuais.

Para o registro da entrevista foi utilizado um gravador de voz, com prévia autorização do sujeito, para uma análise mais consistente dos resultados e posteriormente transcrita. A análise dos dados deu-se de forma qualitativa na aproximação dos dados e dos objetivos dos instrumentos. No primeiro instrumento também se fez uma análise descritiva dos dados através de percentuais.

O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade local, reconhecida pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP/MS), sob o protocolo n.º 080.0.243.000-11, CAEE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética).

Resultados

A partir dos dados das Fichas de Identificação das Escolas visitadas foi verificado que, os sete (07) alunos com deficiência visual ainda permaneciam matriculados nestas Escolas.

Já nas Escolas Municipais, das dezessete (17) Escolas mencionadas pela Secretaria Municipal de Educação apenas nove (09) ainda possuíam alunos com deficiência visual matriculados, com isso obteve-se um total de vinte e três (23) alunos.

A seguir, o Quadro I apresenta os dados da Ficha de Identificação dos Alunos com Deficiência Visual das Escolas Municipais e Estaduais que participaram do estudo, na qual contém o total de alunos com deficiência visual, a faixa etária, a série/ano, o tipo e causa da deficiência visual e outras deficiências associadas.

Quadro I: Identificação dos alunos com deficiência visual matriculados nas Escolas Estaduais e Municipais

		ESCOLAS ESTADUAIS	ESCOLAS MUNICIPAIS
Nº TOTAL DE ALUNOS		07	23
FAIXA ETÁRIA*	Infância (2 a 10 anos)	01	13
	Adolescência (10 a 20 anos)	06	10
NÍVEIS DE ENSINO	Educação Infantil	00	04
	Anos Iniciais do Ensino Fundamental	04	12



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

	Anos Finais do Ensino Fundamental	01	06
	Ensino Médio	02	00
	Educação de Jovens e Adultos	00	01
TIPO DE DEFICIÊNCIA	BV congênita	05	06
	BV adquirida	00	03
	C congênita	00	05
	C adquirida	00	02
	BV não especificado	02	07
OUTRAS DEFICIÊNCIAS ASSOCIADAS	Deficiência Intelectual	05	00
	Deficiência Auditiva	01	01
	Múltiplas deficiências	00	02
	Hidrocefalia	00	01
	Paralisia Cerebral	00	01
	Sem deficiências associadas	01	18
CAUSAS	DSTs	05	01
	Retinopatias	00	02
	Acidentes	00	01
	Hidrocefalia	00	01
	Retinopatia da Prematuridade	00	03
	Toxoplasmose	00	01
	Síndrome do Olho de Gato	00	01

	Drogas	00	01
	Craniosteose	00	01
	Maurose Congênita	00	01
	Paralisia Cerebral	00	01
	Hipoxia	00	01
	Desconhecida	02	08

* As faixas etárias obedecem à classificação de faixas etárias apresentadas por Gallahue e Ozmun (2001)

A partir dos dados da Ficha de Identificação foram selecionados os alunos para a participação na entrevista, obedecendo aos critérios do estudo. Do total de vinte e três (23) alunos com deficiência visual matriculados nas Escolas Municipais, apenas seis (06) alunos participaram da entrevista. Os demais não participaram, pois como demonstrado no Quadro I, dezesseis (16) alunos estavam na Educação Infantil e Séries Iniciais, tendo entre dois (02) e nove (09) anos e, um (01) aluno não foi autorizado pelos responsáveis em participar da entrevista.

Os alunos com deficiência visual identificados nas Escolas Estaduais não participaram da entrevista, pois seis (06) possuíam outras deficiências associadas e um (01) era menor de dez (10) anos.

A seguir, o Quadro II apresenta a identificação dos alunos entrevistados, com informações sobre a idade, série/ano em que estavam matriculados, origem da deficiência visual e se faziam uso de algum instrumento para a mobilidade diária. Para manter em sigilo a identidade dos alunos, estes foram identificados conforme o sexo, sendo **F** como feminino e **M** como masculino.

Quadro II: Identificação dos alunos com deficiência visual entrevistados

ALUNO	IDADE	ANO	TIPO DV	MOBILIDADE
F1	10	3ºano	Cega/congênita	Bengala longa
F2	11	8º ano	BV/congênita	Bengala longa
M1	11	4º ano	Cego/ congênito	Bengala longa
F3	10	2º ano	Cega/congênita	Bengala longa
M2	10	3ºano	BV/adquirido	Bengala longa
M3	13	6ºano	Cego/adquirido	Não usa bengala



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Como visualizado no quadro II, participaram da entrevista três (03) alunas do sexo feminino e três (03) do sexo masculino. A faixa etária foi entre dez (10) e treze (13) anos, e apesar da pouca diferença nas idades, pode-se perceber uma significativa diferença entre os anos em que estavam matriculados. Além disso, o quadro também aponta que três (03) alunos eram cegos congênitos, e um (01) cego adquirido. Já, outros dois (02) alunos tinham baixa visão, sendo um (01) congênito e outro adquirido. De todos os alunos entrevistados apenas o que adquiriu a cegueira não fazia uso da bengala-longa, o restante todos utilizavam para o deslocamento na Escola.

Além dos dados de identificação da entrevista, foram realizadas as seguintes perguntas: comentar sobre quais atividades físicas era realizada fora da Escola, quais as atividades físicas praticadas nas aulas de Educação Física e na Escola; quais as atividades físicas que eles julgavam não poder praticar e aquelas que poderiam praticar e ainda, se os mesmos conheciam alguma modalidade esportiva específica para pessoas com deficiência visual e se julgavam importante a prática de atividades físicas e por quê.

Na pergunta referente ao que realizavam quando estavam fora da Escola, dentre as atividades físicas foram mencionadas: brincadeiras com os irmãos como, pega-pega, esconde-esconde, pular corda, jogos com bola, futebol, carrinhos e jogos de videogame. A **F2** mencionou que já havia feito *jump* em uma academia de ginástica da cidade, mas teve que parar a prática por decisão da mãe. O **M1** também praticava natação em uma academia, porém deixou de frequentar porque a mãe não tinha tempo de levá-lo. E, o **M2** disse brincar com a irmã de jogar futebol e somente fazia essa atividade em casa, pois na Escola era perigoso porque poderia quebrar os óculos, e em casa era mais seguro.

Sobre a participação em aulas de Educação Física na Escola, os alunos dos anos iniciais relataram que já tiveram professora dessa disciplina e participavam das aulas, mas atualmente estavam sem professora. Então, foi solicitado que recordassem as atividades praticadas nestas aulas, e muitos mencionaram atividades semelhantes às praticadas em ambiente não escolar, como: carrinho-de-mão; pega-pega, esconde-esconde; apitar os jogos; chutar a bola de guizo; gato e rato e skate. O aluno **M2** disse que fazia o alongamento com a turma e depois sentava no chão com a professora passando a bola um para o outro, enquanto os demais jogavam futebol. O mesmo também relatou que não gostava do futebol porque tinha medo de quebrar os óculos.

Já, os alunos dos anos finais relataram que nas aulas de Educação Física as atividades praticadas eram futebol, voleibol e handebol. A aluna **F2** disse que gostava de jogar estes esportes, mas não se sentia bem, pois não enxergava a bola com facilidade e os colegas a criticavam pelos erros.

Quando questionados sobre as atividades físicas que eles acreditavam que não poderiam praticar, a **F1** disse “ouvi pela televisão uma vez que não podia correr, mas eu corria mesmo assim dentro de casa”. A aluna **F2** mencionou os esportes handebol e voleibol, pela dificuldade de enxergar a bola, por isso ela alegou não ser “muito boa nessas modalidades”, enquanto que o **M3** referiu-se a natação, ao voleibol e ao basquetebol. Outros três meninos não souberam identificar as atividades que não poderiam praticar.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Sobre as atividades que eles julgavam possíveis de praticar, a **F1** disse que “brincava de tudo, até com água”. A **F2** e o **M3** mencionaram o futebol, segundo ela porque a bola mantinha-se próxima ao corpo, o que facilitava sua visibilidade. O menino relatou que a bola a qual jogava na Escola era com guizo e, em espaço não escolar era branca, facilitando o domínio da bola. O aluno **M1** disse que poderia praticar várias atividades, mas não soube citar exemplos.

Nenhum aluno soube responder sobre atividades esportivas que conhecessem em que pessoas com deficiência visual praticavam, exceto a **F2** que disse “sei de modalidades que fazem uso da bola com algum barulho, e que poderia ser usada para algum esporte”.

Ao serem questionados sobre a importância da prática de atividade física todos os alunos responderam ser importante por oferecer bom condicionamento físico, saúde, prazer e gosto pela prática. Notou-se pelos depoimentos dos alunos dos anos iniciais que os mesmos, tiveram pouco acesso a situações inclusivas nas aulas de Educação Física por realizarem atividades físicas segregadas do grande grupo e individuais com os professores. Já os alunos dos anos finais, mesmo declarando a importância das atividades físicas, relataram que apresentavam dificuldades em algumas práticas devido a baixa visão, o que impedia uma maior socialização entre os colegas.

Discussão

A inclusão de alunos com deficiência na rede pública de ensino é cada vez mais freqüente, e o número de matrículas tem crescido em todo o Brasil. Segundo o Censo Escolar do Ministério da Educação, constatou-se que em 2010 houve um aumento de 25% do número de alunos incluídos em classes comuns do ensino regular e EJA.

No presente estudo os dados apontaram que os alunos com deficiência visual, estão em sua maioria nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Estudo realizado por Lehnhard e colaboradores (2009) também verificaram elevados percentuais de alunos com deficiência matriculados em anos iniciais do Ensino Fundamental, representando 31,79%.

No entanto, a participação dos alunos com deficiência visual em aulas de Educação Física ainda é reduzida, pois a mesma ainda faz parte do currículo da undocência. Isto se justifica pelo fato dos alunos dos anos iniciais terem relatado pouco contato com a disciplina na Escola. A própria relação com atividades físicas relatadas pelos alunos dos anos iniciais é maior no ambiente não escolar.

Por isso, a disciplina de Educação Física na Escola não pode ficar a margem das discussões sobre a inclusão, para assim promover ações de acessibilidade para a participação de todos os alunos. Como evidenciado nos depoimentos dos alunos dos anos iniciais, pela descrição das atividades em aulas de Educação Física, havia muitas situações de segregação. A participação parcial dos alunos na disciplina foi evidenciada na fala do aluno **M2** ao dizer que participava do alongamento nas aulas, porém após permanecia com a professora trocando passes com uma bola.

O mesmo pode ser evidenciado nos relatos dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, pois as dificuldades mencionadas durante as aulas práticas da disciplina, poderiam



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

estar vinculadas à inexistência de estratégias pedagógicas dos professores de Educação Física em buscar meios de participação para todos os alunos.

É essencial que o professor de Educação Física conheça as peculiaridades de cada aluno, para que assim possam ser construídas ações de acessibilidade para aprendizagem, permanência, autonomia e as relações sociais em aula, de forma que sejam priorizadas atitudes positivas na convivência entre os alunos, respeitando as individualidades. Lehnhard *et al.* (2009) afirmam que a Educação Física mostra-se como um meio facilitador da inclusão, pois possibilita as trocas de experiências corporais, culturais e de comunicação através de conteúdos flexíveis e de fácil adaptação às necessidades individuais dos alunos, sejam eles com ou sem deficiência.

Muitas vezes a dificuldade dos professores de Educação Física em criar estratégias de acessibilidade para a inclusão de todos os alunos esbarra essencialmente em um currículo escolar engessado da disciplina, a justificativa de que a formação na graduação não subsidiou o trabalho com os alunos com deficiência, assim como a falta de conhecimento sobre as deficiências dos alunos impedem o trabalho (LEHNHARD *et al.*, 2009; ALVES;DUARTE, 2005; FERREIRA, 2006).

Ressalta-se o papel fundamental da Escola, assim como das ações do professor de Educação Física Escolar enquanto mediador e incentivador das práticas de atividades físicas no ambiente escolar, independente das peculiaridades de seus alunos.

O desenvolvimento e o aprimoramento das capacidades motoras dos alunos com deficiência para a prática de atividades físicas podem ser explorados nas informações frente ao esporte adaptado, e até mesmo um conteúdo a ser desenvolvido na disciplina de Educação Física pelos professores. Ou ainda, um próprio incentivo da Escola na divulgação dos esportes com o auxílio das tecnologias de informação, podendo ser expostas às modalidades esportivas e paralímpicas praticadas pelas pessoas com deficiência.

Lembrando que, essa acessibilidade de informação ao esporte adaptado, é uma maneira de mostrar não só aos alunos com deficiência as suas possibilidades de inserção em diferentes modalidades esportivas, mas também apresentar às comunidades escolares as formas de adaptações, estratégias e conhecimento sobre o tema.

No entanto, esteve presente nas falas dos alunos entrevistados a falta de informações sobre o conhecimento de atividades esportivas por pessoas com deficiência visual. Apenas **F2** disse saber do uso de “bolas com barulho”², os demais desconheciam.

Dentre as atividades que são comumente praticadas pelos deficientes visuais destacam-se: natação, judô, musculação, dança, recreação, atletismo, futebol, futebol de salão, xadrez, *thorball* e *goalball*, estas duas últimas são modalidades esportivas que foram criadas especificamente para pessoas com deficiência visual (CRAFT; LIEBERMAN, 2004).

² Bolas com guizo que são utilizadas no esporte adaptado para pessoas com deficiência visual como o *goalball* e futebol para cegos.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

A falta de informações sobre as possíveis práticas de atividades físicas e esportivas pelos alunos entrevistados limita as suas escolhas, o gosto e o prazer por uma prática, já que as condições para a sua inclusão não são oferecidas nos espaços escolares e não escolares.

Priorizar a inclusão da atividade física tanto nos espaços escolares como os não-escolares no cotidiano da criança e dos adolescentes é uma estratégia de estimular a prática de atividade física para toda a vida, de forma agradável e prazerosa, reduzindo a incidência de doenças crônicas e do sedentarismo em uma vida adulta (SBME, 1998; ARAÚJO; ARAÚJO, 2000). Ainda mais, se tratando de alunos com deficiência visual em que a falta de atividades físicas e experiências motoras poderão influenciar na adaptação social em um mundo predominantemente de videntes (INTERDONATO; GREGUOL, 2009).

As experiências vivenciadas no ambiente escolar poderão contribuir para o estilo de vida mais ativo desta população também na fase adulta. O estudo de Lehnhard; Manta; Palma (2012) com pessoas com deficiência física, mostrou que a experiência e o contato com diferentes esportes na Educação Física Escolar, influenciaram na escolha da modalidade praticada naquele momento.

A Escola é um dos espaços difusores de ações voltadas à inclusão das pessoas com deficiência na sociedade, e o incentivo às práticas de atividades físicas e esportivas pode e deve ser permeado pelos profissionais/professores de Educação Física, tanto no ambiente escolar como o não escolar. Pois, a partir dos conhecimentos advindos dos espaços escolares, os alunos possam fazer uso destas experiências em outros contextos, com outras funcionalidades e objetivos, como no caso a busca por espaços que propiciem a prática de atividades físicas, como academias de ginásticas, espaços livre públicos, parques.

Considerações Finais

Com bases nos dados apresentados, cada vez mais as discussões no ambiente escolar, sobre o acesso, permanência, aprendizagem, e acessibilidade se faz necessária frente à diversidade das necessidades educacionais de cada aluno. Por isso, a reflexão sobre a prática educativa dos professores é imprescindível frente aos desafios da inclusão. Sendo assim, propiciar espaços de formação, aprendizado e incentivo as práticas de atividades físicas aos alunos com deficiência visual nos ambientes escolares, poderá contribuir para que haja um aumento da procura por outros espaços de práticas possíveis em diferentes fases da vida, contribuindo para uma melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, M. L. T; DUARTE, E. A inclusão do deficiente visual nas aulas de educação física escolar: impedimentos e oportunidades. **Acta Scientiarum Human and Social Sciences**. Maringá, v. 27, n. 2, p. 231-237, 2005.



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

ARAÚJO, D.S.M.S.; ARAÚJO, C.G.S. Aptidão Física, saúde e qualidade de vida relacionada à saúde em adultos. **Revista Brasileira de Medicina do Esporte**, v.6, n.5, set/out, 2000.

BITTENCOURT, Z.Z.L.C.; HOEHNE, E.L. Qualidade de Vida de Deficientes Visuais. **Medicina, Ribeirão Preto**, 39 (2): 260-264, abr./jun. 2006.

CAMPOS, R.P. de; SOUZA, D. **Atividade esportiva para deficientes visuais**: uma análise quantitativa no município do Rio de Janeiro. *Revista de Educação Física*. Rio de Janeiro (RJ), Set 2008; p.50-57. Disponível em: <http://www.revistadeeducacaofisica.com.br/artigos/2008.3/artigo6.pdf> Acessado em: 20 de janeiro de 2011.

CAMPOS, S.; SABRINA, F.;BOECHAT, E.; RODRIGUES, F.; Qualidade de vida na esportivização de deficientes visuais. In: **CONGRESSO PAULISTANO DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**, 2005.

CASTRO, E.M. de; PAULA, A.I.de.; TAVARES,C.P.; MORAES, R. Orientação Espacial em Adultos com Deficiência Visual: Efeitos de um Treinamento de Navegação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 2004,17(2),pp.199-210.

CRAFT, D. H. & LIEBERMAN, L. Deficiência Visual e Surdez. In: WINNICK, J. P. **Educação Física e Esportes Adaptados**; tradução [da 3ª edição original] de Fernando Augusto Lopes. Barueri, SP: Manole, 2004.

DIEHL, R. M. **Jogando com as Diferenças Jogos para crianças e jovens com deficiência**. 2 ed. São Paulo : Phorte, 2006.

FERREIRA, Windyz B. Educação Inclusiva: Será que sou a favor ou contra uma escola de qualidade para todos???. **Revista Inclusão**, Ano I, nº01, p. 40-46, outubro de 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas,2006.

GORGATTI, M. G.; ROSE JÚNIOR,D. de. Aptidão Relacionada à saúde de jovens cegos em escolas regulares e especiais. **Rev. Bras. Crescimento e Desenvolvimento Humano**, 2009.19(1):42-53.

GORGATTI, M.G. Atividades Físicas e Esportivas para Crianças e Adolescentes com Deficiência. In: ROSE JR, D. de. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência uma abordagem multidisciplinar**. 2 ed. São Paulo: Artmed, 2009.

GORGATTI, Márcia Greguol. Educação física escolar e inclusão: uma análise a partir do desenvolvimento motor e social de adolescentes com deficiência visual e das atitudes dos



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

professores. 189f. Tese (**Doutorado em Educação Física**). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em:

INTERDONATO, Giovanna Carla; GORGATTI, Márcia Greguol. Auto-análise da imagem corporal de adolescentes com deficiência visual sedentários e fisicamente ativos. **Conexões: revista da Faculdade de Educação Física**. UNICAMP, Campinas, v. 7, n. 3, p. 1-13, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2010/12/con-2009-545.pdf> Acessado em: 20 de maio de 2012.

LABRONICI, R. H. D. D. ; CUNHA, M.C.B. ; OLIVEIRA, A.S de. GABBAL.A.A. Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade. **Arq Neuropsiquiatr**, 2000;58(4):1092-1099.

LEHNHARD, G. R.; PERAZZOLLO, L. U.; MANTA, S. W., PALMA, L. E.. A inclusão de alunos com deficiência em escolas públicas e em aulas de Educação Física: um diagnóstico. **Lecturas: Educación Física y Deportes**. Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - N° 139 - Diciembre de 2009. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd139/inclusao-de-alunos-com-deficiencia-em-educacao-fisica.htm> Acessado em: 08 dezembro de 2010.

MOREIRA, C. W.; RABELO, R. J.; PAULA, A. H. de.; COTTA, D.O. Fatores que influenciam a adesão de deficientes motores e deficientes visuais a pratica desportiva. Disponível em: <http://www.efdeportes.com> . **Lecturas: Educación Física y Deportes**. Revista Digital - Buenos Aires - Año 11 - N° 104 - Enero de 2007. Acesso em: setembro de 2010.

MOURA, R.G. de; PEDRO, E.N.R. Adolescentes portadores de deficiência visual: percepções sobre sexualidade. **Rev Latino-am Enfermagem**, 2006 março-abril; 14(2):220-6..

MUNSTER, M.A.; ALMEIDA, J. J. G.de. Atividade Física e Deficiência Visual. In: GORGATTI, M. G.; COSTA, R.F, da. **Atividade Física Adaptada Qualidade de Vida para Pessoas com Necessidades Especiais**. São Paulo: Manole, 2005.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Censo Escolar 2010**.

NEVES, G.N. das; FRASSON, A.C.; CANTORANI, J.R.H. **Educação Física Adaptada ao Deficiente visual**. 2009 . Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/conteudo/artigos_teses/EDUCAO_FISICA/artigos/Educacao_Fisica_adaptada.pdf . Acesso em novembro de 2010.

SBME. Sociedade Brasileira de Medicina do Esporte. Atividade física e saúde na infância e adolescência. Posicionamento Oficial, Documento aprovado em reunião realizada em 26/6/98 durante o 2º Congresso Sul-Brasileiro de Medicina Desportiva, Curitiba, PR. **Revista Brasileira de**



VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

Medicina do Esporte. v. 4, nº 4. Jul/Ago, 1998, p. 107-109. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/rbme/v4n4/a02v4n4.pdf> Acessado em: 11 de maio de 2012.

SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. **A pesquisa qualitativa em educação física.** Revista paulista de Educação Física, São Paulo, 10 (1), p. 87-98, jan./jun. 1996.

SOUZA, P.R.de; CAMPOS, D. Atividade Esportiva para Deficientes Visuais: Uma Análise Quantitativa no Município do Rio De Janeiro. **Revista de Educação Física**, 2008 Set; 142:50-57. Rio de Janeiro (RJ) - Brasil.

LIMA, F. J. de; SILVA, F. T. dos S. Barreiras Atitudinais: Obstáculos à Pessoa com Deficiência na Escola. In: SOUZA, O. S. H. (org.) **Itinerários da Inclusão Escolar: Múltiplos Olhares, Saberes e Práticas.** 2009. Disponível em: http://books.google.com/books?hl=pt-BR&lr=&id=uExDXSnlb_MC&oi=fnd&pg=PA23&dq=%22barreiras+atitudinais%22&ots=uwuRrR30gD&sig=vejvE5uXsqYBntA1hy9HY9q3W7U Acessado em: 11 de maio de 2010.

LEHNHARD, G. R.; MANTA, S.W.; PALMA, L.E. A prática de atividade física na história de vida de pessoas com deficiência física. **Revista da Educação Física.** UEM. v. 23, n. 1, 2012, p. 45-56. Disponível em:

<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/13795/9329> Acessado em: 11 de junho de 2012.

Rua Euclides da Cunha 1880, apt 506. CEP: 97090-000. Bairro Nossa Senhora das Dores, Santa Maria, RS/Brasil.

sofiawolker@gmail.com